

A cabra tomando conta da horta

Maurício Garcia, maio de 2007

O Caderno Mais! de "A Folha de São Paulo", publicou em sua edição de 6/Mai (pág.3) um ensaio da professora Maria Sylvia Carvalho Franco, sobre a questão da universidade. No ensaio, a professora lamenta a política adotada pelo governador Serra, a qual, segundo ela, estaria excluindo a gestão financeira das instituições estaduais e alienando-as à administração direta do Estado. Os argumentos da professora podem parecer incisivos, mas o que me preocupa é ver, novamente, a polarização do assunto nos eixos "ensino público é bom" e "ensino privado é ruim".

Parece incrível que a bandeira socialista-revolucionária do século XIX ainda seja agitada nos tempos atuais. É surpreendente ler expressões requentadas como "ordem burguesa", "ditadura militar", entre outras. Não bastaram os retumbantes e catastróficos indicadores colhidos pela educação brasileira? Como ignorar que quase 3/4 da população brasileira seja funcionalmente analfabeta? Como não considerar que, do lado de fora dos muros impenetráveis das universidades públicas de "elite", mais de 80% da população brasileira em idade universitária esteja alijada do sistema e sem acesso ao ensino superior, um dos piores índices da América Latina? Como é possível que um país, desejoso em atingir sua soberania, tenha menos de 300 patentes internacionais registradas por ano, menos de 1% do que registram os EUA todos os anos? Desculpe-me, professora, mas não consegui compreender o que quis dizer, ao final de seu artigo, com "fazemos muito".

Para mim, é lamentável que modelos educacionais que possuam um vínculo maior com práticas do mercado sejam violentamente criticados por supostos intelectuais da educação. Eles se recusam a aceitar que a universidade possua indicadores de qualidade e que exista qualquer tipo de compromisso em sua atividade de pesquisa, argumentando que isso iria inibir sua criatividade. Eles se recusam a aceitar que os projetos pedagógicos procurem formar profissionais para o mercado de trabalho, argumentando que isso seria colocar a universidade como escrava das corporações empresariais. Eles se recusam a aceitar que os professores tenham contratos de trabalho regidos pela CLT, alegando que a instabilidade iria prejudicar seu desempenho. Eles se recusam a cobrar

pelas mensalidades, alegando que o ensino público e gratuito é um dever visceral do Estado.

Puxa, o que mais você quer, cara-pálida?

Ora, o que não se coloca nessa discussão é a incrível reação corporativista de muitos desses "intelectuais" que, sob o manto de uma educação crítica e libertária de Paulo Freire, ocultam na verdade sua falência pedagógica. Sob o manto de uma autonomia e liberdade para a pesquisa básica, ocultam seu compromisso unicamente burocrático para ter seus artigos publicados em revistas de "impacto" e obter boas notas junto às agências de fomento à pesquisa.

Basta fazer um levantamento simples: a esmagadora maioria das críticas aos desenhos educacionais diferentes do modelo de ensino "público e gratuito" vem de pessoas que estão trabalhando em instituições "públicas e gratuitas". A maioria das críticas de qualquer aproximação da universidade ao mundo do trabalho vem de pessoas que trabalham apenas no mundo das idéias, especialmente das ciências humanas e sociais, ou seja, naturalmente distante do dia-a-dia das empresas. Não posso deixar de considerar, assim, como parcial e tendencioso esse tipo de posicionamento: é a cabra tomando conta da horta.

Fique claro, porém, que não sou contra instituições educacionais que não tenham como inspiração o mercado de trabalho. Há espaço para todos. A Universidade de Harvard, nos EUA, é uma instituição que conhecidamente prepara os executivos das maiores corporações mundiais e considera, entre outros indicadores, o salário de seus egressos como indicador de qualidade. Por outro lado, a Sorbonne, na França, assume declaradamente que não prepara profissionais para o mercado, sua missão é formar pensadores críticos da sociedade.

Qual dos dois modelos está certo? Os dois! São escolhas, livremente assumidas por suas instituições. Tirar a liberdade de escolha das instituições, para que livremente decidam o quão próximas ou distantes estão das práticas de mercado, é levar o sistema a um ridículo envelopamento uniforme e condenar a educação a uma ditadura, agora civil, dirigida por gordas cabras, empanturradas com a horta que controlam.

Maurício Garcia, é médico veterinário, PhD, especialista em gestão do ensino superior. Foi professor da Universidade de São Paulo e Vice-Reitor da Universidade Anhembi Morumbi. É autor do livro "Gestão Profissional em Instituições Privadas de Ensino Superior" (ed. Hoper).

<http://www.mgar.com.br>